

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

CRISE DE PARADIGMAS TRADICIONAIS: MASCUNILIDADES OSCILANTES, NOVOS CONCEITOS E DESEJO DE MUDANÇA

Definir a masculinidade como categoria fixa é desconhecer historicamente o estado de crises permanentes de identidade pelas quais passaram quase todas as sociedades humanas. Uma vez que o *masculino* transborda da realidade anatômica, cabe questionar, antes de qualquer passo na circunscrição da terminologia, sobre a injunção falocêntrica que obriga a maioria de homens ser *mais homem* do que o restante de outros em vista de determinadas características masculinas estarem fundamentas pelos sistemas que se privam de qualquer diálogo com o desvio da norma.

Os estudos de gênero compreendem um campo de pesquisa acadêmica interdisciplinar muito recente cujos desdobramentos provenientes das teorias feministas e pós-estruturalistas de Judith Butler e Michel Foucault mereceram, posteriormente, o questionamento e desenvolvimento também de temas sobre masculinidade e identidade LGBT por outros estudiosos.

A abordagem temática da masculinidade deve considerar a pluralidade das questões envolvidas a respeito dos homens em suas diversas formas de expressão do masculino, como identidade, gênero, formas de pertencimento e exclusão ao que cada sociedade designa como apropriadas ou *anormais*, enfim, a pesquisa em torno do masculino e da masculinidade, necessariamente, precisará pautar-se pelas circunstâncias sociais e sua pluralidade de manifestação, o que obriga a pensar a categoria condicionada à performatividade acordada ou em desacordo com padrões de comportamento e *desajustes* a eles, tais como a heteronormatividade e o patriarcalismo e suas órbitas em torno de discursos e práticas centrados no falo.

A publicação de um dossiê sobre Masculinidades não poderia ser mais pertinente no momento, pela razão

óbvia de se presenciar e ter notícias com frequência obsessiva das múltiplas manifestações de violência que das expressões do masculino: das ações truculentas intervencionistas aos manifestantes contra o governo brasileiro, às ocorrências de feminicídio e ao ódio e intolerância aos gays, transexuais e travestis.

A discussão que se pretende com a divulgação de diversos pontos de vista acerca das masculinidades, que envolve a pesquisa acadêmica e, no seu lastro, a consulta às muitas teorias que estudam o tema, podem nos elucidar sobre a estupefação com que, geralmente, influencia nosso estado de ânimo e nos faz repensar sobre a contundência das representações plurais que engrossam – e confundem – os significados atribuídos ao que venha se constituir como possibilidade dos inúmeros modos de ser e estar homem, o masculino e as masculinidades.

A organização do presente dossiê foi estruturada não aleatoriamente: os artigos mereceram um sequenciamento conforme surgiam na minha caixa postal eletrônica e os acessava e lia-os. Devido à diversidade deles em torno de um mesmo eixo temático, procurei perceber as diferenças entre um e outro e, ao mesmo tempo, respeitar suas proximidades, embora *desconsiderasse* o período de que tratavam – se alguns problematizavam questões mais conhecidas e relativas ao século atual, no qual vivemos e podemos ter deles a empatia de quem experimenta do que eles tratam. No mais, a ordem dos textos se estabelece fluídica e intransigente com a relevância deles e, acredito, mantém uma unidade em termos de tratamento e importância.

O primeiro é sobre a participação masculina no serviço doméstico carioca, cobrindo o período de 1880 a 1920. A imagem que se tem do universo de trabalho doméstico se prende a papéis exclusivamente

feminilizados. O artigo, nesse sentido, percursora uma revisão do desempenho do ator social na execução do serviço doméstico, forjado como atividade feminina, mostrando as diferenças de lugar na ocupação e realização e o *preço* social quando a substituição do serviço doméstico é executada por homens.

O segundo artigo do dossiê abrange as tensões e disputas na construção de significados sobre convenções de gênero e sexualidade no contexto de dois fenômenos televisivos no Brasil, em plena Ditadura Militar, os programas de auditório e as telenovelas, em que ocuparam lugares de destaque, respectivamente, como *celebridades*, o costureiro Dener, pela sua participação no **Programa Flávio Cavalcanti**, ao suscitar todo um clima de inquietação moral com seu *modo de ser*, e de Cláudia Celeste, a primeira travesti a fazer novela no país, culminando com o acionamento mecanismos do regime de exceção na regulação das sexualidades não convencionais.

Em seguimento, temos o artigo “Ecologia do homem: método alternativo de dessensibilização da glândula para o controle ejaculatório”, um texto minimamente *curioso* pelo fato isolado de trazer à luz um tema pouco discutido, uma vez que se instituiu entre os homens o protagonismo atribuído ao sexo masculino pelo orgasmo. O estudo ultrapassa a problemática reducionista da responsabilidade orgamástica, e descreve os procedimentos de uma técnica de massagem íntima como sugestão de recurso para o autocontrole do reflexo ejaculatório e, sobretudo, para a promoção do processo de autoconsciência corporal.

O artigo “É preciso ser bem visto, não manchar a reputação, se dar o respeito: dos regimes de visibilidade nas trajetórias de homens homossexuais” recupera a trajetória existencial de três homens gays no processo de *saída do armário*. O texto atribui a micropolíticas as atitudes e estilos dos três sujeitos em confronto com uma homossexualidade *normalizada* e os estilos de vida de cada um em sociedade. Para tanto, o autor aciona as noções de *respeito* e *pinta* com as articulações aos regimes de visibilidade e a conformação a uma *identidade homossexual*, circunstancial e pessoal nos espaços públicos.

“De ‘não curto afeminado nem pra amizade’ a ‘por que tantos heteronormativos’: masculinidades e discursos dominantes e táticos nas fachadas do Grindr”,

é o artigo que maior proximidade, talvez, mantenha com as ocorrências do *mundo virtual* de redes sociais em que vivemos mergulhados. Partindo do princípio de que os perfis do Grindr precisam ser vistos como fachadas, pois escondem a verdadeira identidade individual, e mesmo se tratando de uma rede social voltada para o público gay, o armário aparece como máscara que encobre as experiências desviantes. Por outro lado, a discussão abrange, principalmente, os discursos veiculados entre homens gays no Grindr ao reproduzirem modos de vida assimilacionistas aos padrões heteronormativos, estigmatizando orientações e experiências afetivas e sexuais que não se adequem à masculinidade hegemônica.

Logo a seguir, ampliando a discussão do artigo anterior, debruçamo-nos sobre o “Só macho na encolha: a heteronormatividade em aplicativos de redes geossociais gays em territórios criativos do Rio de Janeiro”. Partindo do conceito de *economia criativa*, ao qual se atrela o desenvolvimento de *territórios criativos* – espaços urbanos nos quais a interação entre indústrias criativas e o governo incrementou a efervescência cultural no âmbito das sociedades europeias e estadunidenses –, o artigo traça um vasto painel, com farto material de pesquisa autoral, para mostrar a impossibilidade do mesmo acontecimento na cidade do Rio de Janeiro em razão da prática da intolerância, fundamental a uma cidade criativa, se ver inviabilizada ao pleno desenvolvimento de espaços relacionais. A consulta a diversos profissionais da área da economia criativa, cujos perfis abordados no Scruff e Grindr e dos quais se podia *esperar* uma maior compreensão e respeito às problemáticas de orientações sexuais e identidades de gênero revelou a permanência de regimes de controle heteronormativos internalizados, desencadeando *criativamente* um regime de armário particular que impede a aceitação da diferença em uma cidade criativa e que nos aplicativos de redes geossociais gays se manifesta como ferramenta de reforço de superioridade da masculinidade hegemônica, heterossexual.

Finalizando o dossiê, deparamo-nos com o tema da violência conjugal sob a análise de metodologias de intervenção psicossocial em grupo de homens autores de violência. O artigo ampara-se nas prerrogativas da Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340) e no projeto de extensão “Educação e Atenção Psicossocial a Homens Autores de

Violência Conjugal, das áreas de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal do Amazonas em parceria com a Secretaria de Estado da Justiça, para averiguar a efetividade das ações intervencionistas, com base nos relatórios de atividades dos grupos envolvidos, chegando à conclusão de sua eficácia determinante na mudança de conduta dos homens, denunciados e em condução processual jurídica.

O texto a seguir é sobre o livro de Georges Vigarello, **História da virilidade**: a invenção da virilidade, da antiguidade às luzes. Primeiro volume de uma coletânea de três, a resenha limita-se ao primeiro volume. A virilidade é tratada nos estudos de gênero como masculinidade, atualmente. A importância da pesquisa é o traçado genealógico da construção do *macho viril* na Grécia Antiga, em que a virilidade era uma tida como exclusivamente masculina, e, sendo assim, à construção educativa masculina se dedicava o esmero e excelência em vista de ser percebida como agraciamento pelos deuses nascer-se homem.

O que se pretendeu com a publicação deste dossiê foi abrigar o maior número possível de abordagens sobre as transformações sociais de gênero pelas quais têm passado a expansão da consciência histórica sobre a política das masculinidades, retomando a ideia do primeiro artigo. Nesta última década temos assistido ao incremento de pensamentos teóricos e de práticas mais contundentes que vão de encontro às institucionalizações que acreditávamos como *seguras*. O desconforto que presenciamos com a insurgência, frequente, de novos e outros signos em meio ao que supúnhamos acreditar já algo bastante *revolucionários*, mesmos nós mais afeitos às performances circunstanciais e flutuantes das expressões gendéricas, remete-nos, minimamente a reflexionar sobre os atributos prolíficos das identidades de gênero e de orientações sexuais vincadas pelas miríades possibilidades de criação e invenção de estilos existenciais dissidentes e irreversíveis ao engessamento imposto à masculinidade hegemônica.